



MEMÓRIA COLETIVA, MEMÓRIA SUBTERRÂNEA E DEFICIÊNCIA VISUAL: TOMMY EDISON, UM ESTUDO DE CASO

DAMIN, Marina

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social
mldamin@gmail.com*

DODEBEI, Vera

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Memória Social
dodebei@gmail.com*

249

RESUMO

Apresenta as pessoas com deficiência visual como detentoras de uma memória subterrânea acerca das experiências sobre “ser cego”, bem como o afloramento e o trânsito destas para o ambiente coletivo, através das redes sociais. Esse compartilhamento de memórias tem o potencial de modificar pré-conceitos, valorizar discursos minoritários, e oferece a chance de preservação dessas memórias e, até mesmo, sua distinção como patrimônio digital. A abordagem teórico-conceitual e metodológica considera os conceitos ‘memória coletiva’ e ‘comunidade afetiva (Halbwachs), ‘memória subterrânea’ (Pollak), deficiência visual e o estudo de caso do vídeo *Growing Up Blind* de Tommy Edson. Como resultados parciais, afirma-se que o compartilhamento dessa memória subterrânea com a rede social, pode modificar alguns pré-conceitos presentes no coletivo a respeito da experiência de ser cego e encorajar outras pessoas com deficiência visual a compartilharem suas memórias.

Palavras-chave: Memória social. Deficiência visual. Redes sociais.

ABSTRACT

The article presents visually impaired people as owners of an ‘underground memory’ in relation to “being blind” experiences, as well as the outbreak and flow of the memories on a collective environment, with the use of social media sites. The sharing of this memories has the potential to change preconceptions, magnify minority discourses, and it offers a chance to preserve these memories and the appreciation as heritage. The theoretical-conceptual approach considers: ‘collective memory’ and ‘affective memory’ (Halbwachs), ‘underground memory’ (Pollak), visual impairment and a case study of Tommy Edison’s video *Growing Up Blind*. As partial results, we can affirm that the disclosure of a memory, here defined as ‘underground’ and shared by Tommy Edison with social media users can change some preconceptions presented in the collective about the experience of being blind and encourage others to share their memories.

Key-words: Social memory. Blindness. Social media.



INTRODUÇÃO

Halbwachs, em sua obra *A Memória Coletiva* (2006), ressalta a importância do testemunho como uma maneira de reforçar, enfraquecer ou completar algo sobre um evento conhecido por nós, mesmo que este apresente muitas circunstâncias obscuras para nós. A outra pessoa - que não necessita estar materialmente presente, como Halbwachs sugere - tem um papel fundamental na criação dessa lembrança originada coletivamente dentro de um grupo, seja ele composto por poucas pessoas ou por uma nação. Mas, e quando o testemunho é feito por alguém que representa uma parcela minoritária da sociedade? Pessoas com deficiência visual, que por muito tempo estiveram ausentes no coletivo e que agora tem à disposição a tecnologia para alcançar uma maior parte da população com seu testemunho podem modificar de alguma maneira a memória coletiva por meio de suas lembranças?

Este artigo busca responder a esta pergunta, trazendo na primeira parte os conceitos de *memória coletiva* e *memória afetiva*, de Maurice Halbwachs, e de *memória subterrânea*, de Michael Pollak. Em seguida, apresenta a memória de pessoas com deficiência visual como subterrânea e aponta a acessibilidade e a tecnologia assistiva como facilitadoras no uso das redes sociais por pessoas cegas. Ao final, traz como estudo de caso a análise das redes sociais de Tommy Edison, deficiente visual, que tem um canal de vídeos sobre cegueira no YouTube, com mais de 15 milhões de visualizações, para justificar a eclosão dessa memória subterrânea. Conteúdo este que pode vir a ser tratado como patrimônio digital individual e coletivo. Por meio da análise do vídeo *Growing Up Blind* publicado por Tommy Edison e das interações através dos comentários na rede social YouTube serão apresentados exemplos sobre como a memória subterrânea, experienciada por um deficiente visual, pode modificar a memória coletiva, mudando alguns pré-conceitos, e ainda ser um estímulo para que outras pessoas com deficiência visual compartilhem suas memórias e experiências.

Utilizaremos *pessoas com deficiência* como termo principal, proposto pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada em 2006 e em vigor desde 3 de maio de 2008. Todavia, em alguns momentos será usado o termo *cego*, também adequado, para evitar repetição em demasia.



AS MEMÓRIAS: COLETIVA, AFETIVA E SUBTERRÂNEA

Tratar da memória coletiva pela perspectiva de Maurice Halbwachs é vinculá-la ao social. Para ele, nossas lembranças estão atreladas às nossas experiências e fazem par com os grupos que fazemos ou fizemos parte, mas ainda mantemos alguma relação com ele.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30)

Dessa maneira, mesmo aquele que decide se isolar e evitar qualquer tipo de contato humano, nunca estará sozinho porque carregará junto suas experiências, sua bagagem cultural e os fatos vividos em diferentes grupos e etapas de sua vida: “quando o homem crê estar sozinho, frente a frente consigo mesmo, outros homens surgem e, com eles, os grupos dos quais se desprenderam” (HALBWACHS, 2004, p. 134, tradução nossa¹).

Halbwachs afirma que as pessoas, os grupos que foram significativos em algum momento de nossas vidas são fundamentais para formar essa memória, uma junção de lembranças reais com uma massa compacta de lembranças fictícias (2006, p. 32). Sejam elas verdadeiramente lembradas por nós ou corrigidas pelos componentes do grupo social.

Ricoeur (2007, p. 131), ao falar do testemunho por Halbwachs, afirma que o testemunho é feito por outro para mim, de forma a me informar sobre o passado e não é considerado enquanto declarado por alguém para ser absorvido por outro.

O autor reforça também a importância do testemunho e do grupo na criação das lembranças, no contexto de Halbwachs:

Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Temos, assim, acesso a

¹ “[...] cuando el hombre cree encontrarse solo, frente a frente consigo mismo, otros hombres surgen y, con ellos, los grupos de los cuales se han desprendido” (Halbwachs, 2004, p. 134)



acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem. (RICOEUR, 2007, p. 131)

Do mesmo modo, quando não fazemos mais parte de determinado grupo, as lembranças deste se tornam estranhas para nós e, muitas vezes, desaparecem. Halbwachs (2006, p. 40) ressalta a importância da existência de uma memória afetiva, que una – seja por motivos sentimentais, ideológicos, políticos, religiosos – pessoas em torno de algo em comum.

Quando Pollak (1989, p. 3) refere-se à memória coletiva em Halbwachs, ressalta que não é a dominação, violência ou coerção, mas a adesão afetiva ao grupo que reforça a coesão social, criando essa *comunidade afetiva*.

Neste mesmo texto, *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989), Pollak apresenta o conceito de memórias subterrâneas em oposição a uma memória oficial, representada pela memória nacional. As minorias, os marginalizados, os excluídos fazem parte dessa memória subterrânea, ressaltada pela história oral como parte das culturas minoritárias e dominadas. Ao mesmo tempo, “prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa.” (POLLAK, 1989, p. 4)

A família, as associações, as redes de sociabilidade afetiva ou política podem ser os caminhos para a transmissão dessas memórias subterrâneas, principalmente através da oralidade e de maneira informal, passando despercebidas pela sociedade. Mas, as lembranças do grupo não são estáticas:

[...] existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, ‘não-ditos’. As fronteiras desses silêncios e ‘não-ditos’ com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento; [...] há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. (POLLAK, 1989, p. 10)

Quando essas memórias subterrâneas eclodem e passam para o ambiente público, em disputa com a memória oficial, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis podem acontecer.

Mas, e se pensarmos em uma memória subterrânea, como a das pessoas com deficiência visual, que, ao invés de “brigar” com a memória oficial ao eclodir, entre em disputa com a



memória coletiva para modificá-la, em um ambiente tão diversificado como a internet e as redes sociais, o que acontece?

DEFICIÊNCIA VISUAL E MEMÓRIA SUBTERRÂNEA

Antes de entrarmos neste questionamento, é necessário trazer algumas definições sobre deficiência visual, bem como um panorama histórico sobre a deficiência em geral.

O Art. 5º do decreto Nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004 da Presidência da República define deficiência visual como: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica. Já baixa visão significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores.

A ONU – Organização das Nações Unidas – estima que cerca de 10% da população mundial, o que corresponde a aproximadamente 650 milhões de pessoas, possuem algum tipo de deficiência. No Brasil, de acordo com o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, são cerca de 35 milhões de pessoas com deficiência visual.

Apesar dos números significativos, pessoas com qualquer tipo de deficiência ainda são minoria na sociedade. De acordo com Motta (2004, p. 59), por muitos séculos e em vários lugares no mundo, as pessoas com deficiência não eram consideradas humanas, mas sim seres demoníacos ou merecedores da vingança celeste.

Somente no século XVIII é que começou a se pensar a deficiência do ponto de vista médico. Mas, as instituições (asilos, conventos, hospitais psiquiátricos) eram verdadeiras prisões, contribuindo para que as pessoas – que já tinham sido retiradas do convívio familiar e de suas comunidades – se sentissem ainda mais incapazes.

A visão acerca da deficiência começou a mudar com a eleição de Franklin Delano Roosevelt para a presidência dos Estados Unidos. Com dificuldade de locomoção por ter contraído poliomielite, apesar de não se deixar fotografar em cadeira de rodas e esconder o aparelho ortopédico (pintando-o de preto e usando meias pretas), contrariou as expectativas das pessoas, mostrando-se forte e capaz (Motta, 2004, p. 61). Ou seja, fugiu do estereótipo de “coitadinho”, dependente ou incapaz, comumente atribuído às pessoas com deficiência.



Atualmente, apesar de existirem poucas instituições nos moldes das instituições totais de Goffman (2005) e da proliferação dos discursos sobre inclusão, a deficiência ainda enfrenta preconceitos e pré-conceitos. Principalmente quando falamos de uma memória sobre a experiência de ser cego e que por muito tempo permaneceu submersa no esquecimento da sociedade, sendo conhecida apenas por um número restrito de pessoas e compartilhada oralmente.

As lembranças que, de alguma maneira, chegavam ao coletivo, vinham por intermédio de outros, que ouviam os testemunhos das pessoas com deficiência visual. A dificuldade no compartilhamento das lembranças pelos próprios cegos também é um fator a ser considerado:

Como poucas pessoas que enxergam conseguem ler ou escrever Braille (menos ainda com fluência), existia um isolamento das pessoas cegas num gueto cultural: um deficiente visual só escrevia para outro cego ler. Antes do advento do computador, quando um cego precisasse ler um texto produzido com escrita convencional, era necessário alguém que o traduzisse para Braille ou que lesse o texto em voz alta ou, ainda, o gravasse em fita cassete. Em relação à produção de textos, uma pessoa cega podia escrever à máquina, mas o resultado quase sempre continha erros, pois era muito difícil, durante a escrita do texto, parar, corrigir e depois voltar a escrever. (BORGES, 2009, p. 99)

Mas, graças à acessibilidade e às novas tecnologias assistivas que possibilitam o acesso às redes sociais, essa memória subterrânea agora tem a chance de eclodir e de ser compartilhada pela voz de quem a experienciou.

ACESSIBILIDADE E TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

Peça para uma pessoa fechar os olhos, entrar na internet e acessar um site. Provavelmente ela enfrentará diversas dificuldades e poderá até dizer que é impossível. Então, como as pessoas com deficiência visual conseguem usar o computador, acessar a internet e as redes sociais; publicar, comentar e compartilhar conteúdo?

Existem dois pontos principais que auxiliam nessa tarefa: a acessibilidade e as tecnologias assistivas. Mas, para que isso seja possível, é necessário que o site ou rede social seja feito seguindo os padrões da W3C.



A W3C, World Wide Web Consortium, é uma organização internacional que regulamenta os padrões da internet e apresenta dois princípios norteadores relacionados ao design: *Web para Todos* e *Web em Tudo*. Destacamos o primeiro princípio (W3C, 2014, tradução nossa²):

Web para Todos: O valor social da Web é que ela permite a comunicação humana, o comércio e a oportunidade de compartilhamento de conhecimento. Um dos princípios primários da W3C é fazer com que estes benefícios estejam disponíveis para todas as pessoas, independente de seus hardwares, softwares, infraestruturas de rede, idioma nativo, cultura, localização geográfica, habilidade física ou mental.

Ou seja, o que está na internet deve ser *acessível* a todos. A ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas – define, em sua norma NBR950, como acessível o “espaço, edificação, mobiliário, equipamento urbano ou elemento que possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa, inclusive aquelas com mobilidade reduzida. O termo acessível implica tanto acessibilidade física como de comunicação” (ABNT, 2004, p. 3).

Na internet, a acessibilidade está diretamente ligada ao design e à programação da página. No caso do design, os elementos visuais e textuais devem, por exemplo, oferecer possibilidades de ampliação e mudança de contraste – no caso de pessoas com baixa visão – e, se for utilizada alguma imagem, deve ter equivalência em texto, ou seja, deve ser descrita para transmitir as mesmas informações (QUEIROZ, 2006).

Já a programação - o código, a linguagem de programação³ que irá fazer o site existir - deve ser construído de maneira que a apresentação do conteúdo seja independente à sua estrutura e que esta esteja programada corretamente para que possa ser processada por softwares e apresentada de diferentes maneiras (W3C, 2014), como por meio das tecnologias assistivas, por exemplo.

² *Web for All*

The social value of the Web is that it enables human communication, commerce, and opportunities to share knowledge. One of W3C's primary goals is to make these benefits available to all people, whatever their hardware, software, network infrastructure, native language, culture, geographical location, or physical or mental ability (W3C, 2014).

³ Linguagem de programação é um método padronizado para expressar instruções para um computador, ou seja, é um conjunto de regras sintáticas e semânticas usadas para definir um programa de computador. Uma linguagem permite que um programador especifique precisamente sobre quais dados um computador vai atuar, como estes dados serão armazenados ou transmitidos e quais ações devem ser tomadas sob várias circunstâncias (DIGITALDEV, 2014).



Tecnologias assistivas são tecnologias facilitadoras que auxiliam na realização das atividades cotidianas de pessoas com deficiência. Assim, no caso da internet, podemos citar softwares de leitura de voz, como DOSVOX, Jaws e Motrix, que fazem a leitura de todos os elementos da tela, de seu conteúdo e das interações feitas pelo usuário. Marco Antonio de Queiroz (2014) explica como funciona a relação entre tecnologias assistivas e acessibilidade:

No caso dos leitores de tela para deficientes visuais, as informações contidas na página não são exatamente obtidas pelo que aparece na tela, mas sim através do código por detrás dela e que a produziu. Se por acaso o código que está espelhando algo na tela for um código fechado, os leitores de tela serão incapazes de fazer a leitura e, ao contrário, se for um código aberto e dentro dos padrões web, o máximo possível de informações poderão ser sonorizadas e funções existentes na página poderão ser executadas pelo teclado. [...] A acessibilidade de uma página, no caso de softwares específicos para pessoas com deficiência, porém, não descansa no fato de tais softwares ajudarem a navegar ou reproduzirem o que aparece na página, mas também na execução de tarefas disponíveis nela, mesmo porque, algumas pessoas com deficiência, não necessitam desses softwares, só se utilizando da navegação via teclado, oferecida por seus browsers. [...] Assim, o preenchimento de formulários, envio de e-mails, pesquisa por palavras, respostas a enquetes, e coisas do gênero, precisam ser executadas através desses mesmos softwares, como na simples navegação via teclado.

Assim, as pessoas com deficiência visual, através dessas tecnologias assistivas, conseguem acessar sites e redes sociais, “lendo” tudo o que está na tela. Mais que isso: podem publicar e compartilhar conteúdo, interagir com pessoas dentro e fora de seu círculo familiar e de amizades. Podem, de maneira mais fácil, dar voz às suas próprias memórias e, principalmente, podem ser ouvidas pelo coletivo.

As redes sociais desempenham importante papel na proliferação dessas memórias subterrâneas. Sites de redes sociais, de acordo com Boyd & Ellison (2007, p. 211, tradução nossa⁴), são serviços baseados na web que permitem:

1. A construção de um perfil público ou semi-público dentro de um sistema fechado;
2. Articular uma lista de outros usuários com os quais este perfil possui uma conexão;
3. Ver e cruzar suas próprias listas de conexões dentro do sistema com a de outros usuários.

⁴ We define social network sites as web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system. The nature and nomenclature of these connections may vary from site to site (BOYD e ELLISON, 2007, p. 211).



Além disso, permitem a criação de laços por meio da comunicação mediada por computador, formando uma comunidade virtual para além das fronteiras geográficas, de acordo com Raquel Recuero (2011).

O uso das tecnologias assistivas, principalmente o uso dos leitores de tela, possibilita que pessoas cegas estejam inseridas nas redes sociais sem a barreira da diferença, pois elas têm acesso aos mesmos recursos e possibilidades. Basta um “passeio” pelos perfis de pessoas com deficiência visual no Facebook para ver que elas interagem da mesma forma: curtem publicações, compartilham imagens e vídeos, publicam fotos, comentam em *posts* de amigos.

Tommy Edison, nosso estudo de caso, é um exemplo de como é possível fazer parte de uma minoria, contar sobre suas memórias e ser ouvido, lido, visto, curtido e comentado por milhares de pessoas.

A ECLOSÃO DE UMA MEMÓRIA SUBTERRÂNEA: O ESTUDO DE CASO TOMMY EDISON

Instagram, Facebook, YouTube, Twitter, Tumblr. Tommy Edison está presente em todas essas redes sociais, publica conteúdo diariamente, lê os comentários das pessoas e, muitas vezes, responde. O que o diferencia das outras pessoas? Ele nasceu com deficiência visual e está quebrando diversos pré-conceitos, principalmente no que diz respeito à experiência e às memórias sobre ser cego.

Para dimensionar sua popularidade, é necessário expor alguns números⁵ de suas redes sociais:

YouTube - canal TommyEdisonXP

182.588 pessoas inscritas

17.462.223 de visualizações nos vídeos

YouTube - canal Blind Film Critic

⁵ Números coletados dia 30/11/2014 nos endereços:
<http://www.youtube.com/user/TommyEdisonXP/about>
<http://www.youtube.com/user/BlindFilmCritic/about>
<http://instagram.com/blindfilmcritic>
<http://twitter.com/BlindFilmCritic>
<http://www.facebook.com/tommy.edison>



23.193 pessoas inscritas

5.977.958 de visualizações nos vídeos

Instagram

31.700 seguidores

Facebook

9.605 pessoas curtindo a página

Twitter

6.267 seguidores

Vamos, então, utilizar para ilustrar nosso estudo de caso, o canal pessoal de Tommy, como gosta de ser chamado, na rede social de vídeos YouTube (TommyEdisonXP), devido ao grande número de visualizações e por seu conteúdo. Nele, Tommy publica regularmente vídeos que contam sobre sua experiência, seu cotidiano, suas lembranças e desmitifica a experiência de ser cego, de maneira bem-humorada.

Em diferentes vídeos, Tommy acessa suas memórias para explicar como é a vida de uma pessoa com deficiência visual, que nasceu cego, mas que recorda, sim, mesmo que de maneira diferente, diversos acontecimentos de sua vida. Os sons, os cheiros, as texturas, os sabores criam essa memória. Muitos dos vídeos são respostas a perguntas de outros usuários da rede social, que têm dúvidas como: “cego sonha?”, “pessoas cegas têm déjà vu?”, “como um cego identifica uma pessoa?”, “como uma pessoa cega usa o Instagram?”, entre outros. Mas há também verdadeiros depoimentos sobre suas lembranças, como no vídeo em que aborda como foi o processo de saber que ele tinha uma deficiência visual⁶.

Entre os mais de 100 vídeos do canal, vamos destacar *Growing Up Blind* (Crescendo com deficiência visual, 2013, tradução nossa⁷) para tratar a questão da eclosão de uma memória

⁶ Vídeo How My Parents Told Me I'm Blind, 2012.

⁷ Transcrição do depoimento:

My father used to like to play a trick on my sisters because I would always sit in the front seat of the car. And he'd go, "Alright, kid, you got the wheel." And just put my hands on the wheel and make them all freak out. A lot of people wonder what it's like growing up blind, you know, I mean, because like, I'm born blind, right. So this is all I've ever known. So the experience had to be a little different for me. But, you know, it was fun. I mean, like, my parents wanted me to do all the things that the other kids were doing. You know, they wanted me to just be out in the world and, you know, not be different. Why should I have to be different?



subterrânea e os possíveis impactos disso em um memória coletiva, representada pelo grupo de usuários da rede social YouTube.

O primeiro ponto a se destacar no depoimento de Tommy é o de que suas memórias de infância se equivalem, em muitos pontos, com a infância de uma criança que enxerga. Ele explica que muitas pessoas imaginam como é crescer com uma deficiência visual. Como nasceu cego, a experiência é um pouco diferente, mas seus pais sempre o incentivaram a fazer as mesmas coisas que as outras crianças faziam. A deficiência, para Tommy, não parece definir sua identidade: “Eles queriam que eu não fosse diferente. Por que eu teria que ser diferente?” (Growing Up Blind, 2013, tradução nossa⁸).

Uma das experiências que ele conta é a de que ele aprendeu a andar de bicicleta, assim como as outras crianças estavam aprendendo também. A escolha pelo estudo em escola comum e não para uma escola para deficientes também exemplifica o discurso “por que eu teria que ser diferente?”.

For example, I learned how to ride a bike. I mean, why not. The other kids are doing it, you could do it. So what, you can't see. Big deal. You can learn to pedal and steer and all that kind of stuff. So I did. I learned -- you know, I used to ride a bike around my neighborhood as a little kid.

You know, where we lived people sort of -- people parked on the street. You know, so I would, like, bang into people's cars and stuff, but I guess no one really seemed to mind, you know. This blind kid's riding a bike, I can't believe a blind kid riding a bike just smashed into my car. Okay. It's not like I was going fast enough to do any real damage. Was I? I had board games. You know, not as a little kid, but a little bit older like third, fourth grade, right. Like, they had braille monopoly. Even games like hide-and-seek. You know, of course I could play that. Oh my god. I was a good one.

But you see, people always think that they're being so quite but their not. Because they'll start to snicker and laugh, I mean, just a kids, you know. It's part of the fun of the game, and I could hear it and find you and you know, now it's your turn. I get to hide. And I knew how to be quiet.

People wonder about Christmas and birthdays and stuff. Did they wrap your gifts? Of course they did. I mean, you know, I would still open it and have to go, "what is that?" But, you know, it's like the fun of opening a present, you know. I suppose to open it and then to see it, but, eh, what's the difference? I open it and feel it. You know.

Now in school, you got to remember, I'm the only blind kid. They never had a kid like me before. So, it might have been fun to go to a school for the blind too for a little while, but eh, this is the way it worked out. So all good. You know, they had to get braille books for me and all this other stuff. You know, so that the class would be accessible. You know what I mean? So, they had to plan way early what books they were going to use so they could send away for them and get some people to braille them and stuff but, you know, it all worked out.

Did I ever get picked on? Sure. Of course. I'm different, you know what I mean. Kids are rotten. They always pick on who's different. But, it's good for you. As my father used to say, "it builds character!" Imagine how much fun this was for my sisters too, right? Imagine having a blind little brother. Oh my god, the fun you could have. You know, and it was all cool. I mean, like, I never got hurt, you know. I just had my chops busted. They used to tell me, like we'd walk under a railroad bridge or something and the train would go overhead and they would be like, "Be careful! The train is coming! You're going to get hit!" You know, like that. Or, like, "Don't eat that. The cat licked that. You don't want that." You know, just weird little things that they could goof on somebody who couldn't see it, you know. That's what kids do. They play. It's all good. Did I ever get revenge on them? Yes, this video right here! You know, the one thing I remember about my childhood is hating that stupid "Three Blind Mice" song. How dare you. It's "Three Visually Impaired Mice". ("Growing Up Blind", 2013)



Esse discurso subverte toda uma lógica de senso comum, que permeia a lembrança da maioria das pessoas a respeito de cegos – seja por relatos ou por vivência –, de que quem tem deficiência visual é inválido, incapaz. Lembrança essa que vem carregada de preconceitos, muitos deles oriundos do processo histórico a respeito da deficiência, mencionado anteriormente. Um usuário, por exemplo, deixou na área de comentários da página do vídeo no YouTube, a seguinte pergunta: “Qual é a comida favorita de um cego?” (Growing Up Blind, 2013, tradução nossa⁹). Como se o fato de ser cego definisse seus gostos, vontades e quem ele é. Um preconceito camuflado de pré-conceito.

Mas, o discurso de Tommy também traz a oportunidade para que outras pessoas, que compartilham as memórias subterrâneas sobre a experiência de ser cego – pessoas com deficiência visual e familiares –, se manifestem na rede social YouTube, através dos comentários, contando suas memórias e vivências sobre a cegueira. Temos, aqui, dois exemplos:

Eu fui para a escola comum também, apesar de que meus pais queriam que eu fosse a uma escola para cegos, mas eu recusei. Meus professores tinham que me dar livros impressos em formato maior e eles eram ENORMES! [...] Eu era capaz de ler eles porque eu tinha baixa visão e não precisei aprender Braille até os meus 30 anos. Eu continuo conseguindo ler coisas impressas, mas eu preciso usar óculos com um grau muito alto e lentes de aumento. Eu estou feliz por ter ido para uma escola regular, mas também faziam graça de mim. Crianças são más. (Growing Up Blind, 2013, tradução nossa¹⁰)

“Obrigado por dividir as experiências sobre como foi seu crescimento. Como pai de uma filha que é cega desde que nasceu, sempre fico curioso a respeito das experiências de outras pessoas com a deficiência visual e sobre como foi tudo isso para elas” (Growing Up Blind, 2013, tradução nossa¹¹)

⁸ “You know, they wanted me to just be out in the world and, you know, not be different. Why should I have to be different?” (Growing Up Blind, 2013)

⁹ What's a blind person's favorite food? (Comentário de usuário do YouTube no vídeo Growing Up Blind, 2013)

¹⁰ “I went to normal schools too, although my parents wanted me to go to a special school for the blind, but I refused. My teachers had to get my books in large print format, and these books were HUGE! They were sometimes as large as 2 by 3 feet! I was able to read them, because I was nearsighted and I never had to learn Braille, not until I was in my 30's. I can still read printed type, but I have to use very strong reading glasses and magnifying lenses. I'm glad I went to regular schools, but I too got picked on. Kids are mean!!? (Comentário de usuário do YouTube no vídeo Growing Up Blind, 2013)

¹¹ “Thanks for sharing your experiences on growing up. As a father of a daughter who is blind (from birth) I'm always curious as to other's experiences as to what it was like for them.” (Comentário de usuário do YouTube no vídeo Growing Up Blind, 2013)



Assim, através das redes sociais, Tommy se torna uma espécie embaixador das memórias subterrâneas sobre a experiência de ser cego, usando muitas vezes o humor para que sua mensagem alcance o coletivo. Os depoimentos de Tommy desmitificam a deficiência visual e sua interação com os outros usuários cria um laço de proximidade: é formada uma comunidade afetiva que acompanha seu cotidiano, comenta e compartilha seu conteúdo. Inclusive, nos próprios comentários existentes nas páginas dos vídeos do YouTube, acontece a interação entre aqueles que assistiram os depoimentos, em uma verdadeira conversa (Growing Up Blind, 2013, tradução nossa¹²). Vamos chamá-los de *Usuário 1* e *Usuário 2*:

Usuário 1

“Eu amo seus vídeos Tommy. Tenho deficiência visual e tive uma vida dura até então. Agora estou no ensino médio e começando a sentir as dores de ser cego. Às vezes é muito complicado, mas eu vou em frente. Até estou começando a compartilhar minhas próprias experiências sobre ser cego no YouTube! Você me inspirou, obrigado!”

Usuário 2

“Eu quero, quando crescer, de alguma maneira encontrar a cura para pessoas cegas para que elas possam ver as cores do mundo.”

Usuário 1

“Essa é uma tarefa gigante, muitas coisa podem causar cegueira, defeitos congênitos, bater a cabeça, derrame, diabetes etc. E, também, o olho é um dos órgãos mais complexos do corpo humano porque ele se conecta diretamente com o cérebro e recebe um monte de impulsos visuais. Mas, nunca é demais tentar.”

A memória subterrânea tem, então, nas redes sociais, um espaço para sair das “zonas de sombra” (POLLAK, 1989, p. 10) e se integrar a uma nova memória coletiva através das

¹² Usuário 1: I love your videos Tommy. I'm legally blind and I've had a rough life so far. I'm now in high school and I'm starting to feel the pain of being legally blind. It's really hard sometimes but, I get through it. I'm even starting to share my own experiences of being legally blind over Youtube! you've inspired me, thank you!

Usuário 2: I wanna somehow when i grow up make a cure 4 blind people so that they can see the colors of the world



interações Publicador-Conteúdo, Conteúdo-Usuário, Publicador-Usuário, Usuário-Publicador, Usuário-Usuário.

Este conteúdo publicado pode, ainda, constituir um patrimônio digital relativo à deficiência visual. Para isso, é necessário, primeiramente definir sua “categoria-mãe”, o patrimônio imaterial. A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da Unesco (2003) define patrimônio cultural imaterial como:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Essas “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas” acontecem, no caso do patrimônio digital, no ciberespaço. Ciberespaço é, para Lévy (2009, p. 94) o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

Ao transportarmos essa referência para as redes sociais – no qual esse processo informacional acontece a cada clique, comentário, publicação e compartilhamento – é importante o questionamento sobre o que realmente pode vir a se tornar um patrimônio digital. Patrimônio é um valor atribuído aos objetos materiais e imateriais e sua natureza é coletiva. Essa é a diferença, por exemplo, entre o valor documental ou o valor memorial.

No caso do conteúdo publicado por Tommy Edison, principalmente no caso de seus vídeos que estão na rede social YouTube, podemos considerá-lo como um valor memorial, devido ao registro e armazenamento de suas memórias, que possuem grande importância pessoal. E, como patrimônio digital, se considerarmos a importância dos vídeos de uma comunidade como registro da expressão de um conhecimento acerca da deficiência visual.

Além disso, este conteúdo tem a possibilidade de ultrapassar fronteiras impostas pelo pré-conceito e ser um incentivo para que outras pessoas com deficiência, seja ela visual ou de qualquer outro tipo, se manifestem a contarem suas memórias, trajetórias, vivências neste ambiente global e heterogêneo chamado internet.

Usuário 1: that would be a huge undertaking, many things can cause blindness, birth defects, hitting your head, stroke, diabetes etc. Also the eye is one of the most complex organs on the human body. as it connects directly to the brain and receives a lot of visual input. But, it never hurts to try.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo de caso Tommy Edison foi possível perceber que existe a eclosão de uma memória subterrânea, pertencente às pessoas com deficiência visual e relacionada à experiência de ser cego, por meio das redes sociais. Essa memória começa a ser registrada no ambiente coletivo, devido a facilitadores, como a acessibilidade e as tecnologias assistivas, que proporcionam aos cegos o uso das principais funcionalidades existentes nos computadores e na internet. Com isso, o espaço da rede se torna mais democrático e inclusivo e os pré-conceitos (e preconceitos) podem ser combatidos pelos proprietários dessas memórias subterrâneas.

Este contato possibilita que a memória coletiva, principalmente no que diz respeito à deficiência, possa se modificar, na medida em que pessoas, como Tommy Edison, criem comunidades afetivas em torno de suas redes sociais, carregadas de depoimentos e lembranças. O vídeo *Growing Up Blind* é um exemplo disso. Utilizando suas memórias de infância, ele consegue mostrar um discurso que reflete a postura de seus pais. Por que ele precisa ser diferente? Fica claro que não é a deficiência visual que define sua identidade. O impacto existe e é perceptível nos comentários analisados no YouTube, sendo estes feitos por cegos ou não.

É visível como as redes sociais se tornam cada vez mais o ponto-de-encontro do social. Laços afetivos são criados, a ponto de aproximar integrantes de grupos minoritários da sociedade, que possuem acesso a uma memória subterrânea, com o coletivo. Ao pensarmos a memória coletiva por Halbwachs, podemos apontar aqui a importância da *comunidade afetiva* neste contexto. A afinidade entre os integrantes dessas redes e dos usuários com seu conteúdo permite a proliferação deste, através do compartilhamento, inclusive em outras “áreas” da internet, como sites e blogs, levando essa memória subterrânea a mais pessoas.

Mas, são séculos de preconceitos e pré-conceitos que precisam ser esquecidos e transformados em novas memórias. As marcas de todos esses anos tratando as pessoas com deficiência como doentes e incapazes ainda são muito profundas. Mas há esperança: os vídeos de Tommy já foram vistos 15 milhões de vezes e, a cada novo vídeo publicado, cresce o número de assinantes de seu canal *TommyEdisonXP*.

Este, tem todo o potencial para se tornar, além de um documento individual – devido à sua importância afetiva e pessoal – um patrimônio digital, abrangendo o registro de memórias,



experiências e conhecimentos sobre a vivência acerca da deficiência visual. É a memória em forma de depoimento e disponível para consulta.

Uma iniciativa que já estimula outras pessoas – como vimos no depoimento do *Usuário 1* – a saírem das zonas de sombra e a quebrarem o silêncio, compartilhando seus depoimentos nas redes sociais, na tentativa de eliminar as barreiras comunicacionais, geográficas e, principalmente, discriminatórias.

REFERÊNCIAS

About Tommy Edison, [s.d.]. Disponível em: <<http://blindfilmcritic.com/about-tommy-edison>>. Acesso em: 1 jul. 2014

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro: [s.n.].

BERISH, A. Em: *FDR and Polio*. Disponível em: <<http://www.fdrlibrary.marist.edu/aboutfdr/polio.html>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

Blind Film Critic Tommy Edison. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/BlindFilmCritic>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

blindfilmcritic on Instagram. Disponível em: <<http://instagram.com/blindfilmcritic>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

BORGES, J. A. dos S. *Do Braille ao DOSVOX - diferenças na vida dos cegos brasileiros*. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2009.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. *Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship*. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 13, n. 1, p. 210–230, 2007.

BRASIL. *Decreto Nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 30 jun. 2014.

DIGITALDEV. Em: *Linguagens de programação. O que são e para que servem?* DigitalDev, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.digitaldev.com.br/linguagens/>>. Acesso em: 1 jul. 2014

EDISON, Tommy. *Growing Up Blind*, 31 out. 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=K_P8kQg1Qq8>. Acesso em: 1 jul. 2014

_____. *How My Parents Told Me I'm Blind*, 17 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=D6a1NLPIJ7E>>. Acesso em: 1 jul. 2014



FONTANA, M. V.; VERGARA, E. L. *Educação e inclusão de pessoas cegas: da escrita braille à internet*. Rev Fafibe, v. 2, n. 2, p. 137–9, 2006.

GIL, M. *CADERNOS da TV Escola: deficiência visual*. Brasília: MEC-Secretaria de Educação a Distância, 2000.

GOFFMAN, E.; LEITE, D. M.; DE SOUZA, A. C. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Antrophos Editorial, 2004.

_____. *A Memória Coletiva*. 2a. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

Introdução à Acessibilidade na Web - W3C. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/intro-w3c>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOTTA, L. *Aprendendo a ensinar inglês para alunos cegos e com baixa visão: um estudo na perspectiva da Teoria da Atividade*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *A ONU e as pessoas com deficiência | ONU Brasil*, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-com-deficiencia/>>. Acesso em: 30 jun. 2014

Patrimônio Cultural no Brasil | United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/cultural-heritage/>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. 3. ed. Rio de Janeiro: [s.n.]. v. 2p. 3 a 15. 1989

QUEIROZ, M. A. De. Em: *Acessibilidade Legal - Navegação Via Teclado e Leitores de Tela*. Disponível em: <<http://acessibilidadelegal.com/33-leitores.php>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

_____. Em: *Acessibilidade Web: Tudo tem sua Primeira Vez*. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/capitulomaq>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. 2a. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.



RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. [s.l.] Unicamp, 2007.

Tommy Edison / Blind Film Critic / Know Your Meme. Disponível em: <<http://knowyourmeme.com/memes/people/tommy-edison-blind-film-critic>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

TommyEdisonXP. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/TommyEdisonXP>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

W3C - How People with Disabilities Use the Web. Disponível em: <<http://www.w3.org/WAI/EO/Drafts/PWD-Use-Web/#blindness>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

W3C Mission. Disponível em: <<http://www.w3.org/Consortium/mission#principles>>. Acesso em: 30 jun. 2014.